



O LÚDICO COMO RECURSO METODOLÓGICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA:

Relato de experiência do pibid na Escola Estadual Professora Alcides Rodrigues Aires em Porto Nacional/TO

Jayane de Sousa Silva – UFT – Porto Nacional – Tocantins – Brasil
jayane.silva@mail.uft.edu.br

RESUMO

Este relato de experiência, desenvolvido no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), na Escola Estadual Professora Alcides Rodrigues Aires, em Porto Nacional - Tocantins, objetiva apresentar a realização de oficinas nas turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, que tiveram como intuito proporcionar aos alunos atividades diferenciadas e recreativas. Nesse contexto, o presente trabalho traz uma abordagem sobre a importância do uso de recursos metodológicos no ensino de Geografia, levando em consideração que a abordagem geográfica, principalmente na educação básica tem uma grande deficiência, representada pela falta de recursos metodológicos para auxiliar o professor. Sendo assim, percebeu-se a necessidade de se utilizar diferentes metodologias, uma vez que estas funcionam como facilitadoras no processo de ensino-aprendizagem, tornando os conteúdos ensinados mais significativos na reflexão dos estudantes. Nesse contexto, elaborou-se as sequências didáticas na perspectiva de atender as demandas dos educandos e a partir das necessidades destes, desenvolver oficinas lúdicas, que tiveram o intuito de construir, juntamente com os discentes, um olhar geográfico do mundo e de suas implicações. Partindo desse pressuposto, o projeto permitiu uma troca de experiências e conhecimentos entre os acadêmicos do ensino superior da Universidade Federal do Tocantins - UFT e os estudantes da educação básica, permitindo que estes, possam aprender brincando.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. PIBID. Oficinas lúdicas. Troca de experiências.

EL LÚDICO COMO RECURSO METODOLÓGICO EN EL ENSEÑO DE GEOGRAFÍA:

INFORME DE EXPERIENCIA DE PIBID EN LA ESCUELA ESTADUAL PROFESORA ALCIDES RODRIGUES AIRES EN PORTO NACIONAL/TO

RESÚMEN

Ese informe de experiencia, desarrollado en el Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), en la Escuela Estadual Profesora Alcides Rodrigues Aires, en Porto Nacional - Tocantins, tiene como objetivo presentar la realización de talleres educativos en clases de 6º al 9º años del Enseño Fundamental, que tuvieron como intención proporcionar a los alumnos actividades distintas y recreativas. En ese interín, el presente trabajo trae un enfoque sobre la importancia del uso de recursos metodológicos en el enseño de Geografía, teniendo en cuenta que el enfoque geográfico, principalmente en la educación básica, tiene gran deficiencia, representada por la falta de recursos metodológicos para auxiliar el profesor. Por lo tanto, se percibió la necesidad de utilizar distintas metodologías, una vez que esas tienen éxito como facilitadoras del proceso de enseño-aprendizaje, haciendo que los contenidos enseñados sean más significativos para la reflexión de los alumnos. En ese contexto, se fue elaborado secuencias didáticas en la perspectiva de satisfacer las

demandas de los alumnos y, a partir de las necesidades de esos, desarrollar talleres educativos que tuvieron la intención de construir junto con los estudiantes un mirar geográfico del mundo y de sus implicaciones. Basado en esa suposición, el proyecto permitió un cambio de experiencias y conocimientos entre los académicos del ensino superior de la Universidad Federal del Tocantins y los alumnos de la educación básica, permitiendo que los educandos pudieran aprender jugando.

Palabras clave: Ensino de Geografia. PIBID. Talleres lúdicos. Intercambio de experiencias.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o PIBID é uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) que visa proporcionar aos discentes na primeira metade do curso de licenciatura uma aproximação prática com o cotidiano das unidades públicas de educação básica e com o contexto em que elas estão inseridas. O programa concede bolsas aos acadêmicos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência, desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com as redes públicas de educação básica.

Nesse sentido, o bolsista se defronta com a realidade da escola. Trata-se do momento em que o estudante aplica os conhecimentos aprendidos no ambiente acadêmico ao mesmo tempo em que improvisa/cria outros, igualmente fundamentais, de acordo com o que demanda a realidade que encontra. No exercício da docência, em contato direto com os estudantes de instituições públicas, teoria e prática se encontram e se efetivam.

O PIBID de Geografia da Universidade Federal do Tocantins – *Campus* Porto Nacional atua no Colégio Estadual Doutor Pedro Ludovico Teixeira e na Escola Estadual Professora Alcides Rodrigues Aires, ambas do município citado acima. O programa que aqui se discute, é composto por 24 acadêmicos bolsistas, sendo que 16 atuam no Colégio Pedro Ludovico e 08 na Escola Alcides R. Aires.

Ao longo desse período, ocorreram várias reuniões na sala do PIBID da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Nestas reuniões foram discutidos temas referentes ao ensino brasileiro e também sobre as oficinas a serem aplicadas. Esses encontros tiveram a participação do coordenador do programa, dos acadêmicos envolvidos no projeto e professores supervisores. Também ocorreram reuniões apenas com os bolsistas de cada

unidade de ensino. Nesses encontros, o objetivo principal era pensar as metodologias que seriam colocadas em prática, além das gincanas exercidas naquelas determinadas instituições.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é relatar as atividades desenvolvidas pelo PIBID, que ofereceram aos discentes das turmas do 6º ao 9º ano da Escola Estadual Professora Alcides Rodrigues Aires, práticas educativas nas atividades do programa e deram-lhes também, a oportunidade de aprenderem brincando. A expectativa do PIBID foi priorizar o ensino de conteúdos geográficos, relacionando-os com a realidade dos educandos e problematizando-os através de práticas metodológicas, para alcançar uma compreensão coletiva cada vez maior, de forma prática, atrativa e contextualizada.

Sendo assim, foram elaboradas as sequências didáticas na perspectiva de atender as demandas dos discentes e a partir das necessidades desses, desenvolvermos gincanas para o projeto, objetivando construir, juntamente com os estudantes, um olhar geográfico do mundo e de suas implicações. Portanto, a metodologia teve enfoque em fazer com que os educandos compreendessem os conceitos geográficos, o estudo do lugar e o exercício da cidadania, através de oficinas lúdicas.

Espera-se, portanto, que o programa contribua para a melhoria da educação pública em vários aspectos, mas sobretudo, desenvolvendo nos discentes uma consciência coletiva a respeito de cidadania, que possa valer não apenas para a Geografia (a disciplina que aqui nos ocupamos), mas também de qualquer ramo do conhecimento. Além disso, o projeto tem o importante papel de inserir os alunos no universo escolar fazendo com que estes tenham contatos efetivos com a docência ainda durante a graduação, tornando-os profissionais mais bem preparados.

ENSINO DE GEOGRAFIA

Um ponto de partida relevante para refletir sobre a construção do ensino de Geografia, é analisar a importância desta disciplina na vida dos discentes. Sendo assim, surgiram as seguintes indagações: o conhecimento geográfico ocorrido na escola ultrapassa os limites do portão, ou é desconectado da realidade dos alunos? Os estudantes são instruídos a associarem à disciplina com os diversos processos que os rodeiam? Cavalcanti (1991) constata alguns problemas no ensino-aprendizagem de Geografia:

[...] os alunos não conseguem formar um raciocínio geográfico necessário à sua participação ativa na sociedade; não conseguem assimilar de modo autônomo e criativo as bases da ciência geográfica que propiciem a formação de convicções e atitudes a respeito da espacialidade da prática social. Também não conseguem formar relações entre os conteúdos que são transmitidos nas aulas de Geografia e as determinações espaciais que permeiam, direta ou indiretamente, sua prática social diária. Por não entenderem a importância dos conteúdos de Geografia para suas vidas, os alunos se comportam na sala de aula “formalmente”, ou seja, cumprem deveres de alunos para que possam conseguir aprovação da escola, sem se envolverem com os conteúdos estudados. (CAVALCANTI, 1991, p. 278).

Diante do exposto é notório que os estudantes têm grandes dificuldades no que diz respeito a absorção e contextualização da Geografia com o seu meio social. Como estes não conseguiram estabelecer conectividade da disciplina com as suas realidades, não veem a Geografia como importante em suas vidas, mas somente como uma disciplina na qual precisam ser aprovados. Segundo Landim Neto et al (2010):

Tradicionalmente, os conteúdos ensinados na Geografia escolar são marcados pela fragmentação do saber e pelo distanciamento da realidade cotidiana dos educandos. Por isso não é estranho afirmar que esta postura tem contribuído para uma aprendizagem mecânica, que em nada ajuda o aluno a dar sentido aos saberes geográficos. Infelizmente, essa realidade que persiste na maioria das escolas brasileiras. (LANDIM NETO, 2010, p. 162).

Nesse contexto, é evidente que a mesmice em sala de aula e o distanciamento do conteúdo estudado, com a realidade dos alunos, são um dos motivos para que estes, achem a Geografia uma disciplina ineficaz e maçante. Nesse sentido, deve-se ressaltar o papel fundamental do professor nesse processo. Medeiros (2014) afirma que:

Os professores devem estabelecer relação entre a vivência dos alunos e a geografia e isso muda de lugar para lugar. O professor que dá aula em uma região rural deve partir do princípio de estudo da área rural, para que os alunos consigam conectar os fatos, e não fiquem perdidos achando que a geografia é uma ciência inútil e desvinculada, onde só se exercita a memorização. É preciso possibilitar que os educandos criem uma percepção crítica de sua própria realidade, desenvolvendo um senso autônomo e a consciência de sua cidadania. (MEDEIROS, 2014, s/p).

Partindo desse pressuposto, o professor como mediador do conhecimento, a partir das práticas metodológicas, deve fazer com que o aluno se torne cada vez mais crítico, pensante e atuante, compreendendo o espaço e todas as suas complicações. Nota-se, portanto, que o professor tem papel fundamental na formação e informação desses alunos e

deve promover formas eficazes de associar os conteúdos geográficos, com os meios sociais dos alunos.

Para que o ensino de Geografia seja significativo, deve-se partir da realidade vivida pelos educandos. O pontapé que o professor deve ter para impulsionar os alunos são os conhecimentos prévios destes, ainda que tais saberes sejam imprecisos e/ou errôneos. (JAPIASSÚ, 1976)

Um grande desafio no processo de ensino de Geografia é romper com alguns paradigmas que norteiam a prática docente. Um deles, é associar o professor como detentor do conhecimento e o aluno apenas como receptor – prática denominada por Paulo Freire como educação bancária –. Desta forma, Goulart (2010) afirma que:

Segundo a ótica piagetiana, o mundo é sempre um mundo de sujeitos que agem, pensam, falam e transformam a realidade em que vivem. A ação do sujeito, portanto, é o elemento chave. No entanto, o papel do professor também não pode ser relegado. Ele é o organizador das ações, um inventor de situações favoráveis que fazem com que o aluno possa construir novos significados para os problemas propostos. Dessa forma, supera-se a cultura do silêncio, do bom aluno como aquele que só escuta e reproduz o que o professor fala, para criar uma sala de aula dinâmica e desafiadora. (GOULART, 2010, p. 47).

Partindo dessa premissa, fica claro que não se pode repreender ou subestimar os conhecimentos empíricos dos discentes, mas dar-lhes autonomia, para que estes, sejam sujeitos ativos no processo de aprendizagem. Sendo assim, o ensino de geografia só vai ser de fato significativo quando o estudante for o centro desse processo e os seus conhecimentos prévios de mundo sejam o ponto de partida para se entender a totalidade, para que os discentes consigam desenvolver um pensar geográfico autônomo e contextualizado.

Percebe-se, portanto a complexidade do ensino de Geografia e o papel intrínseco da escola e do corpo docente no processo de aprendizagem dos estudantes, de forma que se deve permitir uma aproximação entre o conteúdo estudado e a realidade dos educandos, para que estes, mudem as suas concepções a respeito da disciplina.

LÚDICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Acima, foi explanado sobre como os discentes veem a ciência geográfica como entediante, pouco útil e desconectada das suas realidades. Nesse sentido, o lúdico vem no

intuito de mudar esse cenário e trazer uma nova perspectiva para o ensino de Geografia, fazendo-o mais plural e dinâmico - auxiliando assim, o trabalho dos professores e tornando a ciência mais interessante e recreativa para os aprendizes. De acordo com Apaz et al (2012):

O termo lúdico etimologicamente é derivado do Latim “ludus” que significa jogo, divertir-se e que se refere à função de brincar de forma livre e individual, de jogar utilizando regras referindo-se a uma conduta social, da recreação, sendo ainda maior a sua abrangência. Assim, pode-se dizer que o lúdico é como se fosse uma parte inerente do ser humano, utilizado como recurso pedagógico em várias áreas de estudo oportunizando a aprendizagem do indivíduo. (APAZ, 2012, p. 7).

Nesse sentido, percebe-se a relevância do lúdico enquanto recurso pedagógico, para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. Este recurso é utilizado como um elo entre os discentes e os docentes, de forma que possibilita uma aprendizagem inovadora, rompendo assim, a monotonia dos conteúdos geográficos. Conforme Barata (1995):

É pela brincadeira que a criança passa a conhecer a si mesma, as pessoas que a cercam, as relações entre as pessoas e os papéis que as elas assumem; - é através dos jogos que ela aprende sobre a natureza e os eventos sociais, a dinâmica interna e a estrutura do seu grupo; - as brincadeiras e os grupos tornam-se recursos didáticos de grande aplicação e valor no processo ensino aprendizagem. (BARATA, 1995, p. 9).

Portanto, as práticas lúdicas auxiliam – entre outras coisas – no autodesenvolvimento dos educandos, uma vez que estes passam a ter um olhar geográfico, obtendo um melhor entendimento da representatividade do mundo em que vivem, seja na esfera física (compreensão dos espaços, relevos, diferenças climáticas), seja na esfera social, quando a mediação do ensino lhes solicita a compreenderem. Sendo assim, os discentes passam a enxergar a importância da ciência geográfica para suas vidas e da relevância da mesma enquanto disciplina, não só dentro da escola, mas principalmente fora dela.

LÚDICO NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA ALCIDES RODRIGUES AIRES

No decorrer do projeto, foram aplicadas oficinas lúdicas na Escola Estadual Professora Alcides Rodrigues Aires, com as turmas do 6º ao 9º, nos períodos: matutino e vespertino. Como já citado anteriormente, nesse período também ocorreram reuniões na sala do PIBID da UFT com todos os integrantes do programa, além das reuniões desenvolvidas apenas com os bolsistas de cada unidade de ensino, onde o principal objetivo era planejar as

gincanas que seriam trabalhadas a partir das propostas curriculares de cada turma e embasadas na nova BNCC.

Estas atividades, mesmo sendo de viés recreativo, caracterizaram-se pela necessidade de apresentar previamente a parte teórica, a qual se deu por meio de *slides*, pesquisas bibliográficas, rodas de conversa e apresentação oral pelos bolsistas. Sendo assim, notou-se que esse contato dos alunos com a teoria fez com que as atividades não se restringissem apenas em ludicidade, mas os preparou ainda mais, aumentando suas bagagens de conhecimento e conseqüentemente, melhorando ainda mais o rendimento nas práticas de aprendizagem.

No dia 06/12/2018, foi realizada a oficina: “Corrida Geográfica”, sendo que a atividade foi aplicada no pátio da instituição e ocorreu da seguinte forma: os discentes foram divididos em três grupos, os quais ficaram em filas. Foram feitas as perguntas e os primeiros participantes de cada fila, que representavam suas equipes, aguardaram o sinal. Após o disparo sonoro, os aprendizes correram em direção as alternativas que estavam dispostas no chão. E a partir disso, deveriam ficar ao lado daquela resposta que julgavam ser correta. E, em seguida, os estudantes retornavam ao final da fila e assim sucessivamente.

Na então oficina, os discentes que representavam suas determinadas equipes não podiam trocar informações com os seus grupos a respeito de qual resposta marcariam. Portanto, foi notório que a atividade auxiliou estes estudantes a obterem mais segurança na tomada de decisões representando toda a equipe. Sendo assim, esta atividade serviu como aporte para desinibir mais os educandos, proporcionando-os confiança em si mesmo e em outros.

Ainda sobre a atividade “Corrida Geográfica”, percebeu-se também pontos negativos, como: a resistência dos aprendizes em relação a própria gincana, de modo que relutaram em permanecer na fila, além da recusa em compor determinados grupos. Comportamentos que possivelmente se deram pelo fato de que a então oficina, foi uma das primeiras desenvolvidas pelo PIBID na referente Escola. Entretanto, os bolsistas souberam lidar com o contratempo, revertendo o cenário e recuperando a organização da atividade.

No dia 21/02/2019 foi realizada a gincana: “Olhar Geográfico”, sendo que houve divisão da classe em três grupos, de modo que ambos teriam que olhar o *slide* e distinguir quais imagens de satélite correspondiam com os determinados pontos, (sejam fotos aéreas

ou não). E, posteriormente, a alternativa que o grupo julgasse correta seria colocada na cartolina (onde já havia o local determinado para as respostas). Essa gincana foi escolhida e adaptada do livro “Jogos Geográficos na Sala de Aula”, de autoria de Breda (2018), livro este que foi adquirido pelos integrantes do projeto para auxiliar na elaboração das gincanas.

A referente atividade teve objetivo em trabalhar o olhar geográfico dos discentes, exercitando suas sensibilidades para identificarem as modificações paisagísticas dos locais e aguçando as suas noções de localização. Ao final de cada gincana os educandos foram premiados com lembrancinhas, doces e até mesmo com notas. Nesta atividade, cada grupo ficou acompanhado por um acadêmico bolsista, para que os mesmos, orientassem os aprendizes a respeito das regras do jogo e tirassem quaisquer dúvidas. A imagem referente à oficina, exposta abaixo.

Figura 02: *Slide* com os pontos.



Foto: Jayane Silva, 2019.

Foi gratificante notar que dois grupos acertaram todas as questões referentes às fotografias (15) e outro acertou 14 delas. Isso demonstra que a metodologia utilizada foi eficiente e que os discentes se inteiraram do conteúdo proposto. Além disso, outro resultado positivo que ficou evidente a partir desta gincana, foi a melhora significativa nas relações dos estudantes entre si, e deles, com o corpo docente, de modo que contribuiu para uma sala mais dinâmica e plural.

No dia 01/04/2019 foi aplicada a oficina “Trilha Hidrográfica”, nas turmas do 6º e 7º ano, no período vespertino. A referente atividade ocorreu da seguinte forma: a classe foi dividida em quatro equipes, sendo que cada uma representava uma cor (vermelho, verde, azul

e amarelo). No meio da sala, foram colocados TNTs, que representavam o rio principal, seus afluentes e subafluentes.

No contexto da gincana, cada equipe correspondia a um afluente, e dessa forma, ambos teriam que responder o máximo de questões corretas, para que os cones - que correspondiam as determinadas cores, alcançassem a linha de chegada – que seria o delta do rio principal. Cada bolsista foi responsável por monitorar uma equipe, recolhendo suas respostas e auxiliando em quaisquer dúvidas que surgissem. A atividade pode ser observada de acordo com a figura 3.

Figura 03: Representação da oficina.



Foto: Jayane Silva, 2019.

Acerca da gincana citada acima, percebeu-se o diálogo e a partilha de saberes entre os grupos, para chegarem em consenso sobre quais respostas escolheriam – atitudes que exercitam a cidadania - em conformidade com Ferrari et al (2014, p.15) quando dizem que: “o lúdico proporciona à criança seu desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo, social e moral. No brincar, a criança desenvolve sua personalidade, sua imaginação, sua autonomia. No jogar, a criança aprende a respeitar regras, condição essencial para uma vida em sociedade.”

Cabe ressaltar também, que uma das atividades lúdicas que o PIBID de Geografia desenvolveu com os educandos da Escola Estadual Professora Alcides Rodrigues Aires, durante todo o mês de junho de 2019, foi um roteiro dentro da UFT – *Campus* Porto Nacional. Nesses encontros educativos, os acadêmicos bolsistas, juntamente com o supervisor, ficavam responsáveis pela elaboração do roteiro dentro do *Campus*, pela escolha

das salas/laboratórios que seriam visitados, do lanche para os alunos e por acompanhá-los durante todo o percurso.

Nesse sentido, foi visível a empolgação dos discentes ao conhecer a UFT e de como essa visita foi significativa para os mesmos, uma vez que os oportunizou conhecer coordenações, biblioteca, núcleos de estudo, salas e laboratórios de vários cursos, tirar dúvidas sobre a futura inserção na universidade, dialogar e trocar experiências com universitários e professores da Instituição. Além disso, outro resultado positivo que estes roteiros dentro da UFT proporcionaram, foi o fato de ter colaborado na escolha dos estudantes de qual curso superior ingressarem futuramente. Abaixo pode-se observar a imagem referente a um dos roteiros.

Figura 04: Palestra com alunos no laboratório Centro de Documentação de História.



Foto: Jayane Silva, 2019.

Além destes, houveram outros resultados positivos por parte dos discentes em relação às atividades realizadas, como o estreitamento das relações dos estudantes entre si e deles com o corpo docente – o que torna o ambiente escolar mais dinâmico e plural-. Foi notório também a melhora no falar em público e no envolvimento dos aprendizes. Outro rendimento que os discentes obtiveram a partir das oficinas realizadas pelo PIBID foi a mudança de comportamento em relação a Geografia, de modo que deixaram de vê-la como uma disciplina maçante e através das atividades recreativas, aprenderam os conteúdos geográficos de forma simples e descontraída.

Deste modo, é notório que a utilização do lúdico como recurso metodológico tem servido como ferramenta de grande relevância no processo de ensino-aprendizagem, estabelecendo paralelo com o que dizem Ferrari et al (2014) quando afirmam que o lúdico possibilita evolução cognitiva, pessoal e social dos indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com tudo que foi exposto, é notório que essa experiência das oficinas do PIBID oportunizou aos bolsistas uma visualização a partir de uma perspectiva mais ampla, a rotina de um professor. Nesse sentido, o programa proporcionou enriquecimento para os bolsistas como acadêmicos, futuros professores e, sobretudo, como cidadãos.

Sendo assim, os resultados das oficinas para os discentes da escola comprovam que se alcançou na prática, grande parte do que foi proposto na teoria. Uma vez que os resultados obtidos pelos estudantes nas atividades, dialogaram com os objetivos anteriormente traçados. Desta forma, foi possível notar entre os resultados, a melhora significativa na compreensão de conceitos geográficos, leitura de mapas, desenvolvimento da criticidade e da prática de associarem a Geografia com diferentes fenômenos - o que demonstra que os discentes estão adquirindo um olhar geográfico do mundo e de suas implicações-.

Dessa forma, adquiriram bagagens de experiências e vivências, que possibilitaram aos bolsistas o esclarecimento a respeito de questões pessoais: alguns se apaixonaram pela docência, outros, chegaram à convicção de que não querem ser professores. Na maioria dos casos, a primeira opção. Nesse sentido, o programa oportunizou-nos ensinar e aprender com os alunos, trocar informações com os colegas e professores mentores do projeto. Além disso, o PIBID conscientizou-nos de que há muito a melhorar na formação como professores. Sendo assim, a experiência do projeto foi de grande valor na vida acadêmica, profissional e pessoal dos estudantes.

Partindo desse entendimento, o projeto tem contribuído na tarefa de melhoria da escola pública no que diz respeito, neste caso, ao ensino de Geografia, trabalhando questões de cunho geográfico e instruindo os estudantes a terem interesse pela referida disciplina e pelas questões relacionadas a ela enquanto ciência. E o lúdico, por sua vez, tem servido como aporte para edificar um novo modelo de educação, através de aulas recreativas, que

dialogam mais, atendendo as necessidades dos alunos e contribuindo para que estes, não sejam apenas ouvintes, mas atuantes no processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

APAZ, M. F; [et al]. **A relação entre o aprender e o brincar: uma perspectiva psicopedagógica.** 2012. Disponível em: <https://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/a-Rela%C3%A7%C3%A3o-Entre-o-Aprender-e/43724152.html>. Acesso em: 21 out. 2019.

BARATA, D. **Caminhando com Arte na Pré-Escola.** São Paulo: Summer 1995.

BREDA, T. V. **Jogos geográficos na sala de aula.** Breda-1. ed. 2018 Curitiba: Appris, 2018. 153 p, 23 cm. Educação, tecnologia e transdisciplinaridade.

CAVALCANTI, L. S. **O ensino crítico de geografia em escolas públicas do ensino fundamental.** Dissertação de mestrado. Goiânia: Faculdade de Educação/UFG 1991.

COSTA, H. G; [et al]. A cidadania em práticas educativas: relatos de experiência do PIBID de Geografia. **Revista de produção acadêmica– Núcleo de estudos urbanos regionais e agrários/NURBA** – Vol. 2 n. 2 (2016, p. 90-97)

FERRARI, K. P. G; [et al]. **A contribuição da ludicidade na aprendizagem e no desenvolvimento da criança na educação infantil.** Unoesc & Ciência – ACHS, Joaçaba, v.5, n.1, p.17-22, jan. /Jun.2014. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/achs/article/view/4560>. Acesso em: 20 out. 2019

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 9 ed., Rio de Janeiro. Editora: Paz e Terra. 1981, p.79

FUNDAÇÃO CAPES. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/pt/educacao-basica/capespibid>. Acesso em: 10 jun. 2019

GOULART, M. I. M. **Psicologia da aprendizagem I.** Belo Horizonte: Editora: UFMG. 2010.

JAPIASSÚ, H. **Para ler: Bachelard.** Rio de Janeiro: F. Alvez, 1976.

LANDIM, N. F. O. O ensino de geografia na educação básica: uma análise da relação entre a formação do docente e sua atuação na Geografia escolar. **Revista eletrônica Geosaberes**. v. 1, n. 2, dez/2010. p. 160-179.

MEDEIROS, J. B. **A Geografia e seus desafios na educação**. Brasil Escola, v. 1, 08 dez. 2014. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-geografia-seus-desafios-na-educacao-2.htm>. Acesso em: 20 out. 2019.

Jayane de Sousa Silva - Graduanda em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), *Campus* de Porto Nacional. Participou como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Tem experiência na área de Geografia, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de Geografia e lúdico no ensino.

Recebido para publicação em 13 de Novembro de 2019.

Aceito para publicação em 01 de Junho de 2020.

Publicado em 12 de Julho de 2020.